



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

Não foi Mèlies: notas sobre o movimento #metoo e a notoriedade retrospectiva do cinema feito por mulheres

Autoria: Débora Wobeto (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Este work propõe um olhar para o movimento #metoo e suas reverberações políticas e estéticas na indústria do cinema. O recente movimento #metoo, de caráter internacional, mas de grande expressão nos Estados Unidos, levou à público uma série de denúncias de assédio e agressões sexuais cometidas em Hollywood. Na cerimônia de entrega do Oscar 2018, não faltaram referências ao #metoo e críticas ao modelo masculino e branco de fazer filmes em Hollywood. No mesmo ano, durante o Globo de Ouro, as atrizes foram à premiação vestidas de preto, demonstrando solidariedade às colegas vítimas de assédio que finalmente encontraram meios para denunciar os abusos que sofreram nas mãos de poderosos homens do setor, também fazendo referência aos movimentos Time's Up e Me Too. Em 2020, algumas atrizes se retiraram da premiação do César, o Oscar Francês, após o anúncio do prêmio de melhor direção para Roman Polanski, também alvo de investigações. Nesse campo, sabe-se que poucas mulheres ocupam cargos de destaque, como direção e roteiro, e que a maioria dos filmes de grande circulação ainda é carregada de padrões visuais masculinos, o que Laura Mulvey chamou de "male gaze". Piault (1992), argumenta que o cinema está profundamente atrelado à política, ao modo como se concebe a representação e pelo próprio método de pesquisa que fomenta a produção do conhecimento em um filme. Do mesmo modo, para MacDougall (1998), o autor nunca está fora da obra, ainda que corporalmente não se insira na cena, seu filme não pode ser entendido sem considerar sua existência. O renome, ou mesmo o conhecimento sobre mulheres como Alice Guy Blaché, reivindicada agora como autora da primeira obra de ficção do cinema, fazem parte de uma notoriedade retrospectiva, nos temos de Mariza Corrêa, e jogam luz sobre a biografia de realizadoras esquecidas também por pesquisadores preocupados em registrar "fatos relevantes" na história do cinema. Assim, o esquecimento de Alice Guy Blaché e a notoriedade de seu pupilo, Georges Mèlies, nos instigam agora a pensar a distinção



entre ?conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas?, como sugere Michael Pollak. Este work parte do argumento principal de que as questões suscitadas pelo movimento #metoo publicizaram uma série de outras questões que envolvem a participação de mulheres na indústria do cinema, não se restringindo aos casos de assédio.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: